

DEPOIMENTO



Foto: Sônia Turfi Gannam

Vicente, presidente do STR e Serafina, sua ex-professora e membro da Diretoria da Associação das Professoras Rurais Leigas de Capelinha

Sindicalista rural fala de trabalho, educação e conscientização

As falas que constituem esse depoimento* fazem parte de uma entrevista maior, gravada na sede do Município de Capelinha (Vale do Jequitinhonha,

* Como se poderá notar, na transcrição da entrevista não se procedeu à reprodução fonética original da fala do entrevistado, a qual foi mais ou menos adaptada aos padrões da língua escrita. Entretanto, para maior fidedignidade, procurou-se manter as construções sintáticas originais, correspondentes à "gramática" peculiar da língua falada no meio rural da região.

na, MG), em 07/05/83, com o então Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Vicente Faul dos Santos. A entrevistadora, Sônia Turfi Gannam, cita e analisa passagens desse depoimento em sua dissertação de mestrado "Determinantes da Ação Educativa de Professores Leigos na Escola Rural de uma Realidade em Transformação".

Na época da entrevista, Vicente ainda não tinha completado vinte anos de idade. Reeleito para a gestão seguinte, vem atuando de forma incisiva à frente do Sindicato, o que lhe tem valido pressões e ameaças de toda ordem. Ele tem participado de encontros e congressos de trabalhadores rurais em todo o país, também como delegado da FETAEMG junto à CONTAG.

Consultado, Vicente consentiu na publicação desse depoimento, concluindo que "hoje quase nada mudou pro trabalhador rural. Só que hoje temos aí a Reforma Agrária da Nova República . . . Mas temos de estar muito mais atentos do que antes, muito mais atentos, porque os dedos caíram, mas ficaram os anéis . . ."

P – Vicente, você acha que alguma coisa mudou na vida das pessoas por aqui, com a chegada do café e do eucalipto?

R – A gente vê as empresas chegar aqui em Capelinha. Então a gente vai olhar . . . tantas conseqüências que traz . . . é demais! Pra começar, as empresas chegou, expulsou o lavrador da terra, né? Expulsou assim: comprou terra barata, com pessoas fazendo ameaça. Pelas fazenda de café teve muito mais grilagem, terra grilada no peito. Mas as empresa também grilou alguma no peito. Muitos lavrador vendeu as terra e aí vieram trabalhar aqui na cidade, no eucalipto. Só tendo a força dos braços pra vender. E mesmo uns que trabalham no café hoje. (. . .) Acho que num tem jeito de argumentar dizendo que a vida dos trabalhadores melhorou, porque se a gente for olhar as coisas . . . Se não olhar o fundo, a gente fala que melhorou, mas se a gente for olhar o fundo, a gente vê que não melhorou. Por exemplo: o que muita gente vive dizendo aí, pessoas do poder e puxa-sacos dos patrão, é que a cidade melhorou. Antes, Capelinha não tinha telefone, antes, Capelinha não tinha aí agências de quatro bancos, antes a cidade aqui era muito pequena, não tinha movimento, não era conhecida, e hoje é. Assim dizem as pessoas do poder, "a cidade cresceu, a cidade 'tá melhor". Nós sabemos que a cidade 'tá melhor, uai! Se a Acesita não chega por aqui, se os cafeicultor não chega, não tinha acontecido isso. Mas agora, sim, tem que ver: pode ter melhorado foi pra eles. Muitas vezes, os próprios companheiro nosso fala: "ah, melhorou a cidade, olha por'ocê ver, 'tá crescendo . . ." Mas a não saber, a não saber que são eles próprio que têm de levantar quatro horas da manhã, fazer a comida, pegar o caminhão e partir pra Acesita, outros partir pro café, pra só voltar em casa à noite, são eles próprio que 'tão fazendo a cidade crescer, e não sabem. Se a cidade tem telefone, e tudo mais, essa riqueza que passou a ter é dos próprio braço nosso, patrão nunca pegou a enxada não, somos nós é que vivemos lavrando a terra pra fazer tudo isso, pra cidade 'tá com riqueza que tem hoje, né? Agora, que que acontece: os patrão e o Governo num vão olhar dentro da casa do trabalhador pra ver que que 'tá faltando, num vão olhar se os filhos do trabalhador 'tá morrendo de míngua, num vão olhar se as filhas do trabalhador 'tá precisando prostituir pra ganhar a vida. Nada disso eles olha, entendeu? Eles vê apenas um lado da coisa, vê apenas um lado. É claro que eles sabe que existe o outro lado disso tudo, é claro, mas num dão atenção. Aí vem o problema que, quando você me perguntou se alguma coisa mudou, né, é que eu disse: tem que olhar! Por cima, a gente fala que melhorou, mas se for olhar o fundo, vê que não melhorou, entendeu?

P – Vicente, fala um pouco como era sua vida, antes de você ser presidente do sindicato.

R – Antes d'eu ser presidente do sindicato, é o seguinte . . . Já te falei nisso, né, do tempo que eu era menino, não conheci meu pai, fui criado por outras pessoas . . . Desd'eu pequeno, é claro, trabalhava em casa, ajudando na lavoura. Mesmo antes de entrar pra escola. Depois que entrei pra escola, quando eu t'ava com onze anos, por aí, entrei na escola. Chegava da escola, trabalhava na roça. Fiquei quatro anos na escola, fiz até o terceiro ano primário, repeti o terceiro ano porque a escola num tinha o quarto. Aí, que que aconteceu: meus pais não tinha condição de me trazer pr'aquí pra continuar estudar, aí eu não tive condição de vir, fiquei lá, fui trabalhar no garimpo, entrei no garimpo pra ver se melhorava. Trabalhei um certo tempo no garimpo, num deu nada e aí eu parti pra trabalhar na lavoura, nas fazendas de café.

P – Como assalariado?

R – Como assalariado. Aí tive que enfrentar muita coisa difícil, né, assim: trabalhar nas fazenda, receber aquela mixaria, agüentar muito abuso. Inclusive eu trabalhei em certas fazenda de café por aqui, que a gente era tratado de forma muito mais pior do que escravo. De chegar ao ponto d'ocê vê o patrão bater no trabalhador, arrancar revólver, porque o trabalhador fazia alguma coisa errada sem saber. Quando não era os próprio dono das fazenda, muitas vezes era os feitor. Tem muitas coisas, mas tem muitas coisas pra contar sobre a situação nas fazendas (. . .) Há pouco tempo atrás, o feitor de uma certa fazenda aí pegou uma mulher, bateu na mulher, deixou a mulher amarrada o resto do dia. Motivo: porque o pessoal almoçou, 'tava com sede, o feitor saiu pra buscar água. Saiu dez horas, chegou duas da tarde. Como que os trabalhador ia agüentar?! A água chegou atrasada e como é sempre o sistema aqui, muitas vezes o pessoal ficar calado, né, essa mulher, não, ela falou! "Nós estamos aqui trabalhando debaixo do sol sem beber água, como é que pode uma coisa dessa?" O feitor foi, bateu na mulher por causa de só isso. Por causa disso bateu na mulher, entendeu? (. . .) Quando eu comecei a trabalhar no café, eu ganhava vinte e cinco cruzeiros por dia. Isso foi em 76, mais ou menos. Era criança ainda, era o preço. Pagava era aquilo. Aí eu era criança, não tinha uma certa visão das coisas. Depois que eu fui crescendo, tinha que ter dinheiro pra sobreviver, comprar roupa, comprar remédio. A gente via que era pouco o que que a gente ganhava, como é até hoje. Que que acontece: a gente ia pedir aumento, muitas vezes a gente falava com os companheiros: "vamos pedir aumento amanhã?" Aí o pessoal falava: "não, se pedir aumento, eles manda a gente embora. Ocê perde lá pra nós". Foi o que aconteceu muitas vezes . . . mesmo eu falando: "Não, vamos todo mundo junto, a gente pede junto!" (. . .)

P – Vicente, por que você resolveu mexer com sindicato?

R – Como já te disse antes, a própria situação que a gente vive nela faz a gente procurar assim . . . a forma de sair dela, dessa situação aí. Porque se a gente 'tá afofando, quer sair pra cima. Onde agarrar, 'garrou . . . 'tá querendo é sair fora. Então é isso. A gente comporta é assim. Essa situação que a gente vive, a gente fica querendo sair dela, né? (. . .) Aí eu ouvi falar no sindicato, mas pela desorientação que a gente tem eu não sabia o que era o sindicato. Achava que era apenas um órgão pra dar uma guia pra gente ir no médico tratar. Apenas o que eu pensava era isso. Mas depois eu comecei a participar das reuniões. Eu fui na assembleia geral, ainda não esqueço, no dia sete de setembro de 1980. E aí comecei a participar das reuniões e orientar os companheiro nas área. E o que eu aprendia, eu ia falando: "o sindicato é pra isso, e isso, e mais isso . . . Com muita dificuldade, fui conversando com os companheiro, e tal, e aí eles passaram a participar também. E hoje a gente tá junto, fazendo as coisas. Foi assim, né? Antes, eu nem pensava em ser da diretoria do sindicato nada. Orientava os companheiro: "o negócio é assim, e assim e assim, nós temos que participar desse sindicato, porque ele é interessante pra nós, sabe?" Muita gente falava: "ah, isso num vai dar certo não, isso vai acabar sendo comprado pelos fazendeiro aí" – porque aqui é o costume, tudo que chega aqui, fala que é pro trabalhador, costuma ser comprado mesmo. Com muita dificuldade, outros companheiros passaram a participar mais de reuniões também, né? O educador da FETAEMG 'teve aqui e, junto com ele, eu fui criando outras reuniões também, fazendo as coisas, foi assim, né? Tem o presidente . . . sou eu, assalariado do café, o secretário, que é pequeno produtor, filho de pequeno produtor, o tesoureiro, que é assalariado do reflorestamento. Tem uma moça aí na diretoria, do Conselho Fiscal, que trabalha na Acesita, mas essa num 'tá atuando não; não 'tá atuando pelo próprio motivo de . . . pressão . . . de ameaça, né?

P – Você ainda continua fazendo reuniões nas roças? E aqui, na sede, também tem?

R – Aqui todo final de mês tem reunião . . . tem duas reuniões gerais: com os assalariados do reflorestamento e com os pequenos produtores. Agora, a reunião do pessoal assalariado temporário do café, isso é um trabalho mais feito nas comunidades rurais. A gente vai, fica um dia, fica dois, fica lá uma semana, fica duas, pra ver se consegue orientar e organizar os companheiro, 'tá junto com eles ali, no trabalho deles, sabe, e, juntos, lutar por nossos direitos, como já 'tamos lutando, né? Essas reuniões são feitas naqueles distritozinho, naqueles comercinho. A gente reúne o pessoal nas escolas rurais, uma vez ou outra na igreja. Mesmo quando num consegue nenhum lugar, a gente faz em um canto qualquer. Porque algumas vezes é negado à

gente a escola e a igreja. Aí a gente faz no tempo. Na maioria dos lugar, num negam não, mas já aconteceu de em alguns lugarzinho negarem.

P – Nas reuniões que vocês fazem vão muitos trabalhadores?

R – Vão. Assim: quando faz aqui, não vem muita gente, por causa da dificuldade da distância, mas fazendo reunião nas roças, vem muita gente.

P – No café tem muita criança, né, e mulher. Elas vão?

R – Vão as mulheres, vão as crianças também. Junto com as mães, com os pais, certo? E assistem, assiste todo mundo junto.

P – Vicente, quais são as principais dificuldades que vocês aqui do sindicato estão encontrando para realizar o trabalho de vocês?

R – A primeira dificuldade é essa: a repressão. Ela é igual em todo país, entendeu, ela é igual. Não importa se lá em São Paulo eles bate de cassetete e aqui eles atira de revólver, né? A repressão é a mesma. Aqui já teve muitas ameaça, teve ameaça de gerente de fazenda, falaram em bater na gente, se entrasse dentro da fazenda. Em cima de nós tem ameaça até de morte. Falaram com meu pai que me desse uns conselho pra mim sair disso, que eu poderia ser morto qualquer hora, qualquer momento. Tudo isso, entendeu? Assim, se a pessoa ficar com medo, sai mesmo, foge da raia. A segunda dificuldade é a desconscientização dos companheiro que não 'tão conscientizado pra enfrentar a situação que nós vivemos, né? A terceira é os próprios patrões, que topa os companheiro desconscientizado, ainda desorienta eles muito mais. Tanto eles faz pressão em cima da diretoria, como faz em cima dos trabalhador pra eles num participar do sindicato, entendeu? Os patrões falam pros companheiro nosso que eles não devem participar do sindicato, porque o sindicato não vai dar emprego nenhum quando eles for mandado embora. Isso são coisas pra desorientar os companheiro, porque eles, os patrões, sabem bem disso, eles sabem bem, talvez melhor do que a gente, que o sindicato não é pra dar emprego, sindicato é pra reivindicar pra que o trabalho nosso tenha valor. Mas nem todo trabalhador sabe disso, né? Agora os patrões sabem profundamente qual é a função do sindicato, por isso são contra. (. . .) Tem outra coisa: nós temos de tirar o sustento da terra. A terra tem de ficar pra gente, nós temos que trabalhar a terra. Foi ninguém que fez a terra não. Se existe a mesa, é porque a pessoa fez, se existe o carro, é porque a pessoa fez, mas a terra não foi ninguém que fez, terra é pra todo mundo, terra é pras pessoas trabalhar nela. E a solução que vai resolver definitivamente os nossos problema é a reforma agrária. E o pequeno produtor, que ainda não 'tá bem conscientizado, tem um certo medo

quando a gente fala em reforma agrária. Ele pensa que vão tomar a terra dele, como as empresa e os fazendeiro tomaram e ele vai acabar sem terra. Ele pensa que vão colocar quem 'tá sem terra na terra dele. Ele fica com medo de perder tudo. Então o que ele quer mais do sindicato é assistência médica, odontológica e advogado. (...) A gente cansa de falar pros companheiro que num interessa que a gente tem médico e hospital completo pra atender, sendo que a gente 'tá agüentando a mesma exploração, e todo dia 'tá sendo preciso ir lá tratar de doença. Agora, essa doença é o seguinte: a gente compara com uma planta daninha que você não quer que nasce. Se você corta as folha, elas cresce de novo. Agora, se você arranca pela raiz, ela acaba. Aí é que 'tá o problema: se só colocar o médico pra tratar de doença, todo dia vai ter doença! Mas, agora, se colocar outro sistema de vida pro trabalhador... sistema digno! - é claro que ele não vai adoecer tanto, porque ele vai ter melhores condições de trabalho, vai ter um salário pra alimentar bem, pra andar calçado, pra tratar dos filho. E aí, é claro que não vão adoecer tanto, como adoecem agora nessa situação que 'tamo vivendo, entendeu? (...) Mesmo com essas dificuldades todas, o número de sindicalizados 'tá crescendo. Mesmo que existe desorientação, mesmo que existe as pessoas que desvia os companheiro, como eu te falei antes, é essa própria situação de vida da gente que faz a gente querer sair dela.

- P - Vicente, vamos mudar de assunto agora, mas tem a ver com o que você está falando. Você disse agora a pouco que fez até o terceiro primário. Me diga uma coisa: você acha importante a escola pra quem mora na roça?
- R - Importantíssima. Importantíssima demais, pelo seguinte: na situação que a gente tá, tem grande necessidade do trabalhador saber a ler. Porque é o seguinte: se a pessoa não sabe a ler, tem mais dificuldade pra entender as coisas, né? É claro que aprende sem ler também, cé sabe que é explorado, que tem que fazer alguma coisa pra mudar, mas é difícil, né, processo mais... não é tanto como se a pessoa soubesse a ler.
- P - Então, essa falta de conscientização, como você fala, tem a ver com o analfabetismo?
- R - Tem sim. Como eu já disse, né, a doença, a praga mais desgraçada que existe é a repressão, mas agora tem o problema de não saber ler também. Isso atrapalha muito o trabalhador. Ainda hoje, a maioria dos trabalhadores rurais... eu tiro exemplo assim... não sei, eu não sei o exemplo assim total do estado, do país, mas aqui, na nossa região, a maioria dos trabalhador rural não sabe a ler, sabe apenas assinar o nome. E isso faz com que a pessoa fique desconscientizada... Ele não lê as coisas... E ainda fica

mais difícil, porque ainda não tem escola na roça pra pessoa poder tirar, pelo menos, diploma do primário, pessoal fazer até a quarta série, né?

- P - Mas você, por exemplo, não tem diploma... e é consciente das coisas...
- R - Pois é, mas como eu já disse, não é o estudo que vai fazer a pessoa entender as coisas, mas sendo estudado, ela vai ter mais facilidade pra poder entender. É claro, não é só o estudo... Porque existe muitos puxa-saco desse regime, que nós 'tamos nele, que são pessoas formadas, que são assim... trabalhadores dum nível de cultura mais alto. E não é o estudo que vai fazer a pessoa assim... (pausa). É o seguinte: a situação é muito complicada, é um negócio que nasce e tem muitos galhos... Porque a própria escola não mostra a realidade pra gente não. A escola... ensina as coisas que num tem nada a ver com a vida da gente. Acho assim: as coisas são tiradas... são colocadas nos livros de escola, são coisas diferentes do nosso sistema de vida. Eles coloca assim: o sistema de vida deles, e não o nosso. Por exemplo: quando eu entrei na escola, as palavras que a gente ia aprendendo a escrever não eram as palavras que a gente sempre falava. Eu achava que tinha de ser as palavra que a gente falava, que a gente, quando começa a conversar, já aprende aquelas palavras, né, essas que teriam de ser usadas na escola, mas não... são ensinadas outras palavras, muito diferentes, que a gente nem conhece. Assim... pelo tipo que é ensinado na escola, a gente fica achando que, se num tiver seguindo daquele jeito, que a gente 'tá seguindo errado. Assim: que a gente tem de tomar leite, comer ovos, tem que comer manteiga e tudo. É claro que o pobre também tem que comer, mas só que nós... não comemos isso... só de vez em quando, né? E por isso, a escola ensinando desse jeito, é que a gente vai crescendo naquela vida assim, pensando que a gente é inferior, pensando que a gente é muito mais inferior, entende? E a gente só pensava: "ah, mas eu sou da roça, sou pobre, num sou igual àquelas pessoas, sou muito diferente, sou bobo, sou muito mais inferior a eles. A gente fica pensando aquilo, sabe? Eu acho assim: a escola tinha que ensinar, dar, assim, um bom senso ao trabalhador, mostrar a realidade, que eu acho, isso teria que vim da escola: a realidade que a gente vive, isso tinha que ser mostrado: porque que a gente é trabalhador e o outro é patrão. Isso tinha que ser mostrado. E isso não é mostrado. É mostrado o seguinte: que tem o trabalhador e que tem o patrão. Apenas é mostrado isso. A escola divide as pessoas. Esse sistema escolar que a gente 'tá vivendo dentro dele num mostra como que são as coisas claramente. Porque que existe o pobre e porque que existe o rico. Quando eu entrei na escola, a escola sempre mostrou que existe o exército pra defesa do Brasil, que existe a marinha, pra defesa do Brasil, que existe a aeronáutica, pra defesa do Brasil, polícia militar, pra defesa do Brasil... Dia do Solda-

do. . . falar poesia. . . 'tava cansado de fazer isso. . . mas a escola não mostrava que, quando a gente tivesse passando fome, esse próprio esquema de policiamento ia descer o cacete na gente, como aconteceu em São Paulo. E igual acontece, quando tem uma greve. A escola não mostra isso. Nada disso a escola mostra. Situação de vida que a gente vive, né, acho que tinha de ser mostrada essa situação de vida que a gente vive nela.

P – Mas, Vicente, você que só estudou até o terceiro ano, assim mesmo do jeito que 'cê tá falando aí. . . a escola te mostrando tudo diferente do que é, no entanto, você pensa de um jeito. . .

R – Espera aí, isso é o seguinte: o que eu penso hoje num foi aprendido na escola. Eu acredito que toda coisa que a gente aprende, é numa escola, mas tem escolas diferentes, né? Isso foi aprendido. . . numa escola da vida. Primeiro motivo de existir essa escola, como eu já disse, é a própria situação que a gente vive nela. A leitura vem depois. . . e vem junto. . .

P – Agora, pra escola poder ser do jeito que você falou, o que seria preciso? Por exemplo: no caso das professoras rurais que estão aí, dando aula sem nenhum recurso, você acha que elas teriam condições de ensinar de acordo com o que você falou?

R – Teria condições. Teria condições, desde que fosse mudado esse esquema de estudo que 'taí, né? Esse esquema que vem das secretarias. E assim: como elas teriam condições, os alunos também teriam muito mais condições de aprender. Assim: aprender convivendo com as coisas dele. Por exemplo: se desde pequeno ele sabe falar 'enxada'. . . ele sabe falar outras palavras que é mais comum falar, então, assim, isso

fosse mais aprofundado, nisso que ele já sabe falar. E aí pra frente ele ia desenvolvendo mais, né? Mas também tinha que conhecer as outras palavras. Precisa de conhecer todas as outras palavras. É necessário que a gente fica sabendo o que que é elas também. Mas, agora, só que é o seguinte: a gente tem que aprender elas, ir aprendendo elas e não deixando as nossas, que a gente 'tá acostumado a falar, de lado. Não pode deixar de lado, entendeu? É claro que tem que aprender. Pro pessoal dizer que sabe ler, que estudou, tem que aprender as outras palavras também, as outras coisa que a gente não conhece. Mas é mais importante ele aprender escrever primeiro o que ele conhece, pra depois ele ir aprendendo outras coisas, né?

P – Então você acha que deve mudar a escola. . .

R – Deve, como é preciso mudar.

P – Ó, Vicente, mas na medida que não muda, do jeito como está, como você falou, mesmo assim ela é importante?

R – É importante, sim. Mesmo com a escola assim, do jeito que ela 'tá hoje, ela é importante. É importante, sim. Mesmo ela sendo assim. Porque é o seguinte: se a gente tem uma faca na mão, a gente pode furar a gente com a faca, mas também pode furar o inimigo, entendeu? E a escola, se a gente souber, junto aos companheiros, dar uma orientação, ela vai servir também para a conscientização. Como serviu pra mim: se eu não tivesse ido na escola, feito ao menos o terceiro ano, não teria condição d'eu saber muitas coisas que eu sei hoje. Eu não ia ler jornais, eu não ia ler outras coisas, né?



Reunião do STR com os posseiros, no rancho de Zé Godinho (Região das Trovoadas)